



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

BIANCA SOUZA FREITAS SANTOS

**IDENTIDADE CULTURAL E AGÊNCIA: UMA ANÁLISE DO PROTAGONISMO
NEGRO NA CIDADE DE CACHOEIRA-BAHIA ENTRE 2000 E 2015**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

BIANCA SOUZA FREITAS SANTOS

**IDENTIDADE CULTURAL E AGÊNCIA: UMA ANÁLISE DO PROTAGONISMO
NEGRO NA CIDADE DE CACHOEIRA-BAHIA ENTRE 2000 E 2015**

Trabalho de conclusão apresentado para o Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Rutte Tavares Cardoso Andrade.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

BIANCA SOUZA FREITAS SANTOS

**IDENTIDADE CULTURAL E AGÊNCIA: UMA ANÁLISE DO PROTAGONISMO
NEGRO NA CIDADE DE CACHOEIRA-BAHIA ENTRE 2000 E 2015**

Trabalho de conclusão apresentado para o Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 02 de setembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rutte Tavares Cardos Andrade (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Profa. Dra. Idalina Almeida Freitas - Examinadora

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Prof. Dr. Fábio Gomes - Examinador

Universidade Federal do Ceará - UFC

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	6
2.1	OBJETIVO GERAL	6
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	6
3	HIPÓTESES	6
4	JUSTIFICATIVA	7
5	PROBLEMÁTICA	8
6	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
7	METODOLOGIA	14
8	CRONOGRAMA	16
	REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Cachoeira, localizada no Recôncavo Baiano¹, a 116 km de Salvador, é reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Cidade Monumento Nacional. Dona de uma riqueza cultural, Cachoeira se caracteriza pela composição de elementos das culturas negra e europeia, bem como da herança patrimonial de ambas as culturas, como por exemplo, as Igrejas construídas por negros e inspiradas nos modelos portugueses e a imaterial que reflete no candomblé, na musicalidade, na culinária e nos festejos profanos e religiosos da Festa de Nossa Senhora D'Ajuda² e Nossa Senhora da Boa Morte³.

Com aproximadamente 80% da sua população autodeclarada negros e pardos (IBGE, 2014), Cachoeira foi construída pelo povo negro. Dentro deste aspecto, o presente projeto foi pensado com o intuito de refletir, tendo se passado mais de 180 anos desde a elevação de Cachoeira a cidade (1837) e quase 500 anos desde a fundação da Comarca de Cachoeira (1531), sobre o reconhecimento e o auto reconhecimento do povo negro na cidade.

Para tanto, ao se pensar na questão de identidade bem como o quanto esta questão é aceito e esclarecido pelos sujeitos envolvidos que são os descendentes dos povos negros e indígenas onde será necessário beber da cultura de Cachoeira, conhecer a fundo as suas manifestações culturais e as suas intencionalidades, a linha sucessória dos partidos políticos e prefeitos eleitos, descobrir quem foram e são os seus heróis de sua história para, assim, construir a narrativa deste trabalho e responder com clareza os objetivos que foram cuidadosamente definidos e apresentados no tópico a seguir.

¹ O Recôncavo Baiano é uma região que está localizada em volta da Baía de Todos os Santos se estendendo não só para o litoral, mas por toda a região que circula a Baía.

² Festa derivada da devoção a Nossa Senhora D'Ajuda, a Igreja de Nossa Senhora D'Ajuda foi à primeira Igreja construída por negros na cidade de Cachoeira, mas pertencia a família Paulo Dias Adorno e foi dedicada, em princípio, a padroeira da cidade, nossa Senhora do Rosário.

³ A Irmandade da Boa Morte se deu a grupo de mulheres negras que vendia quitutes para comprar as alforrias dos negros escravizados, nos dias de hoje a comemoração da tradição negra ainda permanece sendo realizadas nos dias 13 á 17 de agosto.

No entanto, antes de partimos para a apresentação dos objetivos é importante considerar que, assim como Francisco (2000) e Carvalho (2003), entendo a identidade como um constructo social, um processo de aproximação e diferenciação para com o outro, da semelhança, ou não, do discurso narrativo, da maneira como nos enxergamos e enxergamos o outro, de como valorizamos e contamos a nossa própria história, a valorização da cultura, dentre outros. Para Francisco (2000), isso tudo nada mais é do que investigar e discutir o modo como o negro se vê é visto na sociedade.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar o conhecimento da população cachoeirana em relação identidade negra que há na cidade de Cachoeira, Bahia.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Registrar como o negro se reconhece enquanto protagonista da cultura cachoeira;
- b) Identificar como o negro acha que os outros munícipes o enxergam enquanto cidadão morador de cachoeira;
- c) Debater as trocas de saberes entre os negros antigos e os mais novos, para que haja dois olhares sobre a identidade da negra em Cachoeira BA.

3 HIPÓTESES

- a) O fato de que o racismo existe já sabemos, a resistência vem cativando e dando forças para o negro lutar por seu lugar na sociedade atual brasileira fazendo com que ele se reconheça como homens e mulheres negras.

- b) Os movimentos culturais de origem negra têm auxiliado na resistência do povo negro da cidade, tais como as festas de grande visibilidade do município: Festa de Nossa Senhora D'Ajuda.

4 JUSTIFICATIVA

Eu, Bianca Souza Freitas Santos nascida em Cachoeira-Ba mulher e negra, mas no momento vivo em Santo Amaro. Antes de pensar nesse tema para meu TCC me perguntava o porquê os negros não tinham o seu lugar na sociedade brasileira atual moderna? E vivia a pensar que naquela sociedade cachoeirana, nesse séc. XXI onde me sentia deslocada. Deslocada como? Sabe quando você não se encaixa em nenhum lugar? Era assim que eu me sentia na sociedade cachoeirana, vivia ouvindo histórias sobre a cidade, o quanto ela é importante na cultura negra, tanto na parte religiosa quanto nas festivas. Estudei em escola pública e quando chegava dia 20 de novembro (consciência negra) se ensinava tudo sobre os negros, falava sobre negro, dizia dos representantes da luta pela liberdade e um deles era o Zumbi dos Palmares que era mais comentado nas aulas de história.

Eu tinha um professor de história que só falava sobre a supremacia européia, no qual eu como negra não me identificava, pela história de violências vivenciadas pelos meus ancestrais escravizados. A escola é um lugar que deveria ser para o cidadão se educar, saber onde é que seus ancestrais contribuíram. Na aula de história era uma tortura saber sobre aqueles europeus, e quando tocava em um assunto sobre negro era como escravo ou no dia da consciência negra ou no aniversário da cidade, era os únicos momentos que aquele professor falava sobre a população negra. Pois não tinha só esse professor, às vezes entrava estagiários que mostrava outro olhar que não era só sobre o negro na posição de escravizados, mas, os negros na posição de homens e mulheres que lutavam por ideais pela sua emancipação.

Tinha uma professora que ela incentivava os alunos a assumirem sua negritude, não era muito fã dela na época porque eu não tinha assumido minha identidade como mulher negra. Ela dizia palavras que hoje ouço na universidade, ela sempre dizia "Assumam! que são negros não se esconda ou não aceite que sua

identidade seja ofuscada pela mídia ou pela sociedade”, mas, como na época de 2013 á inicio de 2015 naquele momento cabelo liso era uma tendência. E ela falava mais “a indústria capilar quer ganhar em cima de vocês que alisam o cabelo”, eu escutava aquilo e absorvia, mas, tinha medo de ser caçoada ou falarem que eu estava feia. Então depois de ouvir tanto sobre negros e se assumir como uma mulher negra, decide passar por uma transição foi aceito por uns e não aceito por outros.

Cursar o Bacharelado em Humanidades, para mim, têm me dado a oportunidade de me reconhecer enquanto sujeito, enquanto mulher, negra e o quanto posso ser atuante na sociedade. Assim, ao me reconhecer como negra, filha de uma cidade predominantemente negra, a refletir sobre a identidade, a etnicidade, a raça e a cultura do povo negro em Cachoeira.

Tem manifesto da cultura negra na cidade Cachoeira que nos lembra um pouco de uma identidade que às vezes negamos como o dia 25 de Junho onde subia o caboclo e a cabocla⁴ e tinha desfile cívico, em Agosto nos meados dos dias 13 á 17 é realizada a Festa da Irmandade da Boa Morte onde mulheres negras mostrando a tradição das suas ancestrais e também o Embalo D`Ajuda onde é uma tradição que desde que me entendo como gente existe. Nesses momentos me perguntava “Qual o motivo da população cachoeirana por vezes não assumir sua identidade como negros?”, e por esse motivo tive o intuito de pensar nesse tema: “O negro em Cachoeira: Reflexões sobre a questão indenitária” para obter minhas respostas.

5 PROBLEMÁTICA

Para o Prof. Kabengele (1942) o conceito de raça se refere a um grupo de pessoas que pertencente ao mesmo ancestral em comum, que as pessoas de pele claras (brancos) se achavam superior às outras pessoas que tinham a pele diferente

⁴ O caboclo foi entalhado por Manoel Inácio da Costa, o caboclo representa os índios, negros e mestiços que lutaram na Independência da Bahia e a cabocla foi criada em homenagem a índia Catarina Paraguaçu uma imagem feminina na luta da Independência.

da deles “negros” e “amarelos”, ele fala que os brancos se sentiam superior pelas suas características físicas e que diziam serem mais belos, espertos, honrados entre outros que os fazia melhor. Enquanto isso eles consideravam os “negros” como serem o opostos deles, e por essa questão que os de pele clara (brancos) achavam que por os de pele escura (negros) ser o oposto deles deveria ser “comandado” por um ser superior.

Como a população de Cachoeira é descendente de negros, esses africanos construíram suas casas e criaram outras histórias na cidade, só por causa dessa marca que é o racismo que vem crescendo a cada dia não só em Cachoeira, mas em todos os locais, mas especificamente nesse projeto irei falar só de Cachoeira Bahia. Então vamos chegar ao ponto desse projeto que a grande pergunta “Qual o motivo da população cachoeirana por vezes não assumir sua identidade como negros?”. Será que os negros ainda estão na posição de escravizados só que dessa vez eles recebem pela sua mão de obra sendo que pouco, mas recebendo, e por qual motivo esses descendentes de africanos ainda não tomaram o lugar de dominantes e permanecem ainda na posição de dominados?

A cidade de Cachoeira Bahia, mesmo a população sendo descendente de negros, ainda existe um grande preconceito, o fato disso esta enraizada na mente da sociedade cachoeirana, não só na cidade de Cachoeira-Ba, mas, também na sociedade atual, muitas vezes até entre eles mesmos como diz: “negro com a alma de branco”, isso ainda são resquícios do processo do embranquecimento que na época da escravidão eram pessoas negras que eram basicamente comparadas a brancos ou agiam como brancos e até os dias hoje, ainda existem essas pessoas assimiladas (BENTO, 2002).

Área de trabalho ou espaço de poder é um dos momentos que vemos o racismo dominarem, quando você chega a um ambiente de trabalho se vê pessoas de pele mais clara (brancas) nos altos cargos e vemos pessoas de pele mais escura (negras) em cargos baixos. Muitas dessas pessoas pensam em sair daquele lugar, sair daquela escravidão, mas por causa da dependência da inferioridade que é passada nesses ambientes eles acabam se menosprezar achando que eles não têm capacidade de realizar seus sonhos, ou alguns deles não corre atrás dos seus sonhos por comodismo quer dizer se ele tá ganhando dinheiro ou não tem nenhum

problema, para que sair? Praticamente é isso que se passa não só em Cachoeira, mas em outros lugares que ainda existe esse tipo de consequência pós escravidão.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A colonização da América se deu a partir do processo de expansionismo mercantilista, à época, das recém formadas nações europeias (pioneiramente Portugal e Espanha), e teve como seu alicerce econômico a escravização de pessoas negras africanas advindas forçosamente de várias partes de África. Este processo de migração forçada (tráfico escravagista ou negreiro) articulou diferentes continentes (Europa, América, África) sobre o domínio das potências européias. No caso do Brasil, o intelectual afro-brasileiro Abdias Nascimento atenta:

No Brasil, é a escravidão que define a qualidade, a extensão, e a intensidade da relação física e espiritual dos filhos de três continentes que lá se encontraram: confrontando um ao outro no esforço épico de edificar um novo país, com suas características próprias, tanto na composição étnica do seu povo quanto na especificidade do seu espírito - quer dizer, uma cultura e uma civilização com seu próprio ritmo e identidade.”(NASCIMENTO, Abdias. 1978, p. 48). E ainda:
 “O papel do negro escravo foi decisivo para os começos da história econômica de um país fundado, como era o caso do Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo a estrutura econômica do país jamais teria existido. O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com anexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia.\ Ele plantou, alimentou e colheu a riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca. (Idem. p. 49)

Nesta perspectiva, a experiência da primeira diáspora (africana) (LOPES, NEI. 2011) é marcada fundamentalmente pela escravização de pessoas negras, e o racismo que decorre do desenvolvimento histórico do Brasil que tem como base a exploração e anulação da população de origem africana. O racismo enquanto um fenômeno estrutural na sociedade brasileira se reproduz veementemente no âmbito das universidades, em termos concretos, isto significa que os espaços de produção de conhecimento acadêmico, além de forjarem impedimentos na ascensão de intelectuais negros e negras, é atravessado por um modelo de conhecimento que privilegia o que é ocidental, branco, masculino e europeu afirma Maldonado-Torres (2003):

[...] Diferentemente disso, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas que em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre os povos ou nações, mais bem se refere à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si, através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, pois, embora o colonialismo precede a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. A mesma se mantém viva em manuais de aprendizagem, no critério para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no senso comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos, e em tantos outros aspectos da nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente. (Maldonad-Torres 2007. P. 243)

Seguindo nesta linha de raciocínio, devemos compreender que, assim como exemplifica o sociólogo Sodré (1999), o conceito de raça está ultrapassado no Brasil, pois o conceito de raça aplicado aos seres humanos nada mais era do que uma tentativa de estigmatizar os grupos considerados inferiorizados (negros, amarelos, índios e posteriormente pardos) e ratificar a superioridade dos brancos. O conceito da raça se baseava em diferenças genéticas e biológicas para diferenciar os seres. Para Araújo (2012):

O pressuposto da existência de diferentes raças foi um terreno fértil para a elaboração de um conjunto de ideias etnocêntricas que afirmava: a raça branca era mais hábil, mais inteligente, com maior capacidade de adaptação aos diferentes meios e situações, enquanto as demais eram inferiores, estavam aquém do potencial branco, de inteligência, capacidade de trabalho e de desenvolvimento, podendo inclusive, serem escravizadas ou dizimadas em algumas áreas em benefício da raça superior (ARAÚJO, 2012, p.2).⁵

Para Moore (2007), a cor negra e utilizada como adjetivo pejorativo, pessoas negras são vistas com inferioridade, sendo esta a face mais cruel do racismo, para o autor:

Não vemos outra explicação válida para a ubiquidade da repulsa e medo que causa a cor negra: “luto”, “tenebroso”, “maléfico”, “perigoso”, “diabólico”, “pecado”, “sujo”, “bestial”, “primitivo”, “inculto”, “canibal”, “má sorte...” (Moore Carlos, 2007 p.30).

⁵ Como foi dito pelo Prof. Dr. Kabengele Munanga os brancos achavam se superior por conta das suas características tanto físicas quanto mentais, e por conta dessas especificidades os brancos se achavam superior as outras raças.

Assim, o conceito de etnia, etnicidade vieram para substituir a concepção de raça, para o conceito de etnia, parte da compreensão das diferenças culturais existentes entre os grupos da sociedade, não se baseando em fenótipo (características observáveis do indivíduo, como a cor da pele), mas sim na identidade. Para Poutngnant e Fert (1999) o termo etnicidade nada mais é do que a união dos conceitos de identidade mais etnia, ou seja, identidade étnica, para o autor:

(...) a etnicidade não se define como uma qualidade ou uma propriedade ligada de maneira inerente a um determinado tipo de indivíduos ou de grupos, mas como uma forma de organização ou um princípio de divisão do mundo social cuja importância pode variar de acordo com as épocas e as situações. (POUTINGNAT, FERT, 1998: 124-125).

A identidade, por sua vez, faz referência a aspectos internos ao ser, a maneira como o indivíduo se vê e a maneira como ele enxerga os outros a sua volta (ARAUJO, 2012). Ela é o resultado do modo de vida em que o indivíduo está inserido, a qual grupos pertence, quais os gostos, qual o viés ideológico, religião, a sua cultura, tudo junto forma o cidadão e dão conta de explicar os aspectos identitários. A cultura é, em uma análise macro, a junção das crenças, dos costumes, das ideias e dos valores de um indivíduo na sociedade.

Ao explicar os conceitos principais que estão inseridos no copo deste projeto e que sustentarão a escrita do trabalho podemos aliar um quinto conceito, também importante, mas não listado que é o racismo e que serve como plano de fundo para a definição do tema e escolha dos objetivos e hipóteses.

Passamos pelos últimos anos por um aumento contínuo de debate sobre desigualdade racial, principalmente depois dos anos de 1999 em que as políticas de ações afirmativas começaram a serem definidas, no Brasil (MONTEIRO; SANSONE, 2004). No entanto, percebo que ao mesmo tempo em que o Poder Público volta o olhar para a ampliação e garantia dos direitos aos povos negros, a ideia de que somos iguais e que vivemos em um mundo sem preconceito só ratifica ainda mais a tentativa de disfarçar o crime racial no país, a tentativa de tornar real a utopia da democracia racial em um país marcado pela intolerância. Para Hasenbalg (1996):

(...) as pessoas não se iludem com relação ao racismo no Brasil; sejam brancas, negras ou mestiças, elas sabem que existe preconceito e

discriminação racial. O que o mito racial no brasileiro faz é dar sustentação a uma etiqueta e regra implícita de convívio social, pela qual se deve evitar falar em racismo, já que essa fala se contrapõe a uma imagem enraizada do Brasil como nação. Transgredir essa regra cultural não explicitada significa cancelar ou suspender, mesmo que temporariamente, um dos pressupostos básicos que regulam a interação social do cotidiano, que é a crença na convivência não conflituosa dos grupos raciais. (HASENBALG, 1996: 239)

Assim, percebo que o racismo no Brasil funciona, na maior parte das vezes, como um racismo velado, todo mundo sabe que existe internamente, mas externamente ninguém afirma ver. Em uma pesquisa realizada Schwarcz (1996) sobre o racismo a gente pode perceber a contradição dos dados 97% das pessoas que foram entrevistadas afirmaram não ser preconceituosas, mas ao mesmo tempo 98% afirmaram conhecer pessoas preconceituosas, como amigos, namorados e parentes próximos. Segundo Jones (2002), a concepção do racismo é fundamentada em três dimensões básicas:

- a) Primeira, a internacionalizada, na qual o próprio indivíduo não se aceita e não aceita o outro, apresentando padrões racistas estigmatizantes;
- b) Segunda, a interpessoal, na qual o racismo é manifestado no meio das relações sociais, esta é a expressão mais conhecida do racismo;
- c) Terceira, racismo sistêmico, relaciona-se as instituições, é um racismo estrutural e está ligado diretamente a noção de poder entre as instituições.

Segundo o Professor Carlos Moore diz sobre o racismo para uma reflexão é que: “O racismo retira a sensibilidade dos seres humanos para perceber o sofrimento alheio, conduzindo-o inevitavelmente à sua trivialização e banalização.” (Moore Carlos, p.12) Porque somos assim? Porque alguns ainda vivem à mercê dessa sociedade? A sociedade brasileira ainda não evoluiu para pensar que são descendentes de negro que ocorreu aqui? O Brasil tem uma lei faz com que aprendemos sobre a Cultura Afro, mas por incrível que pareça só aprendemos na universidade ou em tempos de consciência negra que é dia 20 de novembro (aniversario de Zumbi dos Palmares) e contudo, a Lei 10.639/03 diz:

“[...] torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nos estabelecimentos públicos e particulares, incluindo o estudo da história da África e dos africanos.” (Moore Carlos, 2007 p.14).

Em virtude destes posicionamentos dos autores, este trabalho busca compreender como, em Cachoeira, uma cidade com uma história que para os negros é de suma importância para população cachoeirana negra. Com base nas estatísticas do IBGE tem 80% de sua população negra, fazendo da cidade um lugar historicamente negro.

7 METODOLOGIA

Para realizar este trabalho pretendemos utilizar a metodologia qualitativa, de caráter interdisciplinar, com o levantamento bibliográfico e documental como procedimento metodológico que nos possibilitará na busca de soluções para o nosso problema de pesquisa. “Uma pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (MINAYO, 2001, p. 22). Porém, reciprocamente este estudo exige uma essência qualitativa em grande medida, contextualizar o maior entendimento do problema a ser analisado. Ela descreve, observa, aprecia e interpreta o meio e o fenômeno tal como se apresenta.

Para Lima e Miotto (2007), a pesquisa bibliográfica está relacionada aos levantamentos de solução para determinado trabalho de pesquisa aonde é concebida a partir de materiais já publicados, principalmente livros e artigos científicos e de levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas e essa mesma pesquisa são importantes para o surgimento de novas linhas de investigação.

Reafirma-se a pesquisa bibliográfica como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em termos pouco explorados a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas (LIMA; MIOTTO, 2007, p. 43).

Desta forma, nota-se a relevância a pesquisa bibliográfica porque ajuda muito, isso em diversos contextos, que vai desde arrecadação de dados já escritos e

publicados, em muitos casos não levará o pesquisador a pensar nos custos da passagem para ir fazer uma pesquisa de campo.

Para Severino (2007), a pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações. Documentos esses que ainda não passaram por nenhum tratamento analítico, é ainda matéria prima na qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

Usaremos a pesquisa bibliográfica e documental por ser a que mais facilita porque dispõe de várias obras disponíveis na internet, biblioteca, etc. Pretendemos fazer uso da pesquisa de campo para coleta de dados. Essa será feita a partir de entrevistas semiestruturadas com negros que da cidade de cachoeira.

A técnica utilizada será a entrevista, “sendo ela uma conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas dirigidas por uma das pessoas, com objetivo de obter informações sobre a outra” (MORGAN, 1988, p. 6). Também serão feitos questionamentos com perguntas abertas e fechadas. A Entrevista semiestruturada é conhecida com semidireta ou semiaberta. Uma das características da entrevista semiestruturada é a utilização de um roteiro previamente elaborado (MANZINI, 2003, p. 1).

Com base na minha análise o meu publico alvo são pessoas na faixa etária de 20 á 35 anos que se declare negro e que sejam de classe media baixa, que já passaram pelo preconceito racial. No dado momento quero focar em dois motivos, o primeiro onde ocorreu o preconceito racial e segundo se caso o individuo reconhecer que sofreu o preconceito racial qual foi sua reação ao deparar com aquela situação.

8 CRONOGRAMA

ANOS/ETAPAS	2019	2020		2021		2022
	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre
Revisão do projeto	*					
Levantamento bibliográfico e fichamentos		*	*	*		
Apresentação do projeto revisado		*				
Organizar a estrutura para a monografia			*			
Preparo do roteiro e coleta de dados			*			
Preparo do roteiro e coleta de dados			+	+		
Análise dos dados coletados					+	
Elaboração e Redação do trabalho					+	
Revisão e redação final						+
Entrega da monografia						+
Defesa da monografia						+

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, M. C. D. **A identidade e a questão racial no Jardim Alvorada em Maringá/PR**. 1. ed. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2012. p. 1-20.
- BENTO, M. A. S. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 1-31.
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- ENRIQUE, Dussel. Transmodernidade e Interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. 2016. In: Revista Sociedade e Estado, volume 31, p. 51-72.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 1º ed. Rio de Janeiro: LTC. 2008
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GILROY, Paul. The Black Atlantic: modernity and double consciousness. Verso, 1993-Londres.
- HALL, Stuart. Identidade cultural na pós-modernidade. Lamparina, 2015 - Rio de Janeiro.
- JONES, C. P. Confronting institutionalized racism. Phylon, **Atlanta** v. 50, n. 1, p. 7-22, 2002.
- MALDONADO-TORRES, N., 2003, 'Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto ', in "Teoría crítica y descolonización" na Universidade Duke e na Universidade de Carolina do Norte, Chapel Hill, em 30 de maio de 2004.
- MONTEIRO, Simone; SANSONE, Livio (orgs.). **Etnicidade na América Latina: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos**. Rio de Janeiro, Fiocruz. 2004. 344 páginas.
- MONTEIRO, Simone; Sansone. **Etnicidade na América Latina: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos**. 1. ed. São Paulo, Fiocruz: [s.n.], 2004.
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade negra vs identidade nacional. Ed. Vozes, 1999 -Petrópolis- RJ.
- MUNIZ, Sodré. Claros e escuros: identidade, povo e média no Brasil. Editora. Vozes, 1999 -Petrópolis- RJ.
- NASCIMENTO, Abdias. **O negro Revoltado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 1-363.

NASCIMENTO, Abdias. O Genocídio do Negro Brasileiro: um processo de racismo mascarado. 1978, Ed. Paz e Terra - Rio de Janeiro.

NOGUEIRA, Renato. O ensino de Filosofia e a lei 10.639. 2014. 1- ed Pallas: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

NKRUMAH, Kwame. O neocolonialismo em África. In: Malhas que os Impérios Tecem: textos anticoloniais contextos pós-coloniais. Manuela Ribeiro Sanches (org). 2011 - Lisboa23

OPES, Nei. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana – 4º ed. rev, atual e ampl. São Paulo: Selo Negro, 2011

POUTINGNAT, Philippe. e FERRT, Streiff. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: editora da UNESP, 1998.

PEREIRA, Rui. M. Raça, Sangue, Robustez. Os paradigmas da Antropologia Física colonial portuguesa. In: Cadernos de Estudos Africanos. (7/8) p. 211-241. 2005.

QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Coléccion Sur Sur. 2005.

RODNEY, Walter. Como a Europa Subdesenvolveu a África. Bogle - L'ouverture publications – Lisboa, 1975.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder dos Candomblés**: Perseguição e Resistência no Recôncavo da Bahia. 1. ed. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2009. p. 1-209.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. 1. ed. , Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SILVA, Maria Lúcia da. Memórias dos Professores Negros e Negras da UNILAB: tecendo saberes e práxis antirracistas. Tese (doutorado) da Universidade Nove de Julho. 2016 – São Paulo.

WEDDERBURN, Carlos Moore. **O racismo através da história**: da antiguidade à modernidade. 1. ed. [S.l.: s.n.], 2007. p. 1-250.

WEDDERBURN, Carlos Moore. **Racismo & Sociedade**: Novas Bases Epistemológicas para entender o Racismo. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 1-320.

W.E.B Du Bois. As Almas da Gente Negra. Lacerda Ed. 1999. Rio de Janeiro.